



**CURSO:
O FENÔMENO RELIGIOSO NAS
TRADIÇÕES RELIGIOSAS II**

**TRADIÇÕES RELIGIOSAS INDÍGENAS
E AFRO-BRASILEIRAS**

ASSINTEC/SME de Curitiba

2007

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	2
RELIGIÕES INDÍGENAS.....	3
ALGUNS MITOS INDÍGENAS.....	12
RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS.....	13
CANDOMBLÉ.....	15
UMBANDA.....	16
A DIFERENÇA ENTRE CANDOMBLÉ E UMBANDA.....	17
TAMBOR DE MINA.....	18
ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES NAS RELIGIÕES AFRO- BRASILEIRAS.....	19
REFERÊNCIAS.....	22

APRESENTAÇÃO

Estes subsídios destinam-se aos professores com o objetivo de ser um ponto de partida para o estudo das Tradições Religiosas Indígenas e Afro-Brasileiras.

O fenômeno religioso é um fenômeno de caráter universal. Todas as sociedades humanas manifestam alguma expressão religiosa. A religiosidade constitui-se um aspecto inerente ao ser humano. Por isso, muitas pessoas buscam, por meio da religião, as respostas para seus anseios mais profundos: quem sou? Por que estou aqui? Para onde vou? Qual é o sentido da vida? O que acontece depois da morte?

A partir da busca por respostas a estas indagações, surgiram diversas religiões e filosofias de vida e muitas outras ainda continuam sendo criadas.

O Ensino Religioso como área do conhecimento na escola pública, não possui caráter evangelizador, nem doutrinário ou catequético, mas sua finalidade é estudar o fenômeno religioso por meio da observação, reflexão e informação, visando a construção do conhecimento e entendimento da diversidade cultural religiosa do nosso povo.

Assim, a religião na escola não é objeto de prática de fé ou de doutrinação, mas objeto de estudo, de pesquisa e análise, pois não se pode negar a influência das diversas culturas religiosas nos hábitos, comportamentos e mentalidades das pessoas.

As religiões influenciam a cultura e esta influencia as religiões. Logo, é preciso conhecer a diversidade das manifestações do sagrado para compreender o comportamento religioso dos cidadãos numa sociedade marcadamente plural e diversa, como é a sociedade brasileira. Mediante o conhecimento é possível promover a superação dos preconceitos, construir relações de diálogo, alteridade e respeito às diferenças, em outras palavras, “aprender a conviver”.

Em se tratando da espiritualidade e religiosidade indígena é importante entender que suas religiões, de modo geral, são marcadas pela praticidade. Em várias nações indígenas a vida e a existência estão impregnadas de sentido do sagrado, tudo está ligado. O ser humano nasce puro e pode viver em plena comunhão com o Grande Espírito sem medo da condenação eterna ou do pecado original. Não há necessidade de religar-se, pois já está ligado à Mãe Vida, à Natureza, de modo que tudo o que nos foi dado pelo Grande Espírito é sagrado, e é dever de cada membro da comunidade viver em harmonia com toda a vida.

Nas tradições Religiosas Afro-Brasileiras é de fundamental importância a compreensão da força vital (axé) que impregna toda a realidade física e espiritual, assegurando uma existência dinâmica e feliz a cada pessoa. Outro aspecto é a compreensão do tempo, não pode haver queima de etapas, tudo deve acontecer no tempo certo, permitindo a atuação dos poderes cósmicos (Orixás) nos processos de transformação e realização plena da vida.

Prezado professor e professora, desejamos muito sucesso e entusiasmo renovado em seu trabalho de ensinar que é “uma arte e uma ciência”.

Equipe Pedagógica da ASSINTEC:

Borres Guilouski,

Diná Raquel Daudt da Costa

Emerli Schlögl

RELIGIÕES INDÍGENAS

O conhecimento do fenômeno religioso nas tradições indígenas sugere um repensar sobre o nosso conceito acerca desses povos e sua milenar sabedoria e cultura. Desde a colonização, os povos indígenas têm sido explorados e excluídos ao longo da história do Brasil.



O que podemos aprender com a sua rica cultura e tradição? Como podemos contribuir para que os índios se integrem na sociedade sem perder a sua identidade? Muitas vezes a mídia apresenta-os como ingênuos e incapazes; povos condenados à desintegração social. Porém, apesar do preconceito, discriminação e exclusão de que são vítimas, existem comunidades indígenas que têm mostrado o seu valor e

habilidade para conviver na sociedade de hoje, buscando resgatar e preservar a sua história e cultura, sem perder o seu referencial. Um exemplo disso são as várias comunidades indígenas do Xingu, no Mato Grosso. *“O Parque Indígena do Xingu engloba, em sua porção sul, a área cultural conhecida como Alto Xingu, integrada pelos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Trumai, Wauja e Yawalapiti. Apesar de sua variedade lingüística, esses povos caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo. Estão ainda articulados numa rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeias. Entretanto, cada um desses grupos faz questão de cultivar sua identidade étnica e, se o intercâmbio cerimonial e econômico celebra a sociedade alto-xinguana, promove também a celebração de suas diferenças”*.

Os índios querem continuar sendo índios e têm esse direito assegurado na Constituição do nosso país. “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” (Constituição Federal – Art. 231).

Conhecer as expressões religiosas dos povos indígenas permite compreender melhor a sua cultura e superar o preconceito que muitos ainda têm em relação ao índio e seu modo de vida.

As influências da cultura do branco e das religiões, principalmente de matriz cristã, impregnaram suas crenças e costumes, na maioria das vezes de forma negativa, levando muitos índios a perderem sua identidade. Cabe hoje a todos os cidadãos conscientes defender os direitos de liberdade e dignidade dos povos indígenas do Brasil.

O índio acima de tudo como ser humano deve ser respeitado. Sua cultura precisa ser preservada, conhecida, resgatada e valorizada para que ele tenha condições dignas de vida na sociedade contemporânea.

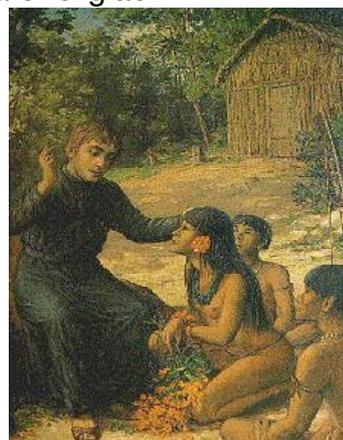
SOCIEDADES SOLIDÁRIAS - As sociedades indígenas são organizadas a partir dos princípios de solidariedade, partilha e generosidade entre os membros da tribo. Essas atitudes éticas abrangem a todos e em muitos casos até mesmo os inimigos. Com certeza, esse é um exemplo a ser

aprendido e seguido pela nossa sociedade marcada pelo individualismo, ganância, competição e consumismo desenfreado.

OS INDÍGENAS NOS PRIMEIROS TEMPOS DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL E NOS DIAS DE HOJE - Nos primeiros tempos da colonização do Brasil, os povos indígenas eram vistos a partir do olhar dos dominadores de então, como *“gente sem fé, sem lei, sem rei”*. Assim, projetava-se a sociedade indígena em termos daquilo que lhe faltava, na opinião dos europeus. Os europeus queriam a todo custo impor-lhes a sua cultura e religião.

Com o decorrer do tempo percebeu-se que o índio era resistente, ele tinha convicção quanto às suas próprias crenças e mitos. Assim, o catolicismo daqueles tempos encontrou dificuldades em converter os índios que, segundo o pensamento vigente, não tinham Deus, nem hierarquia, nem disciplinamento litúrgico.

A opressão encontrou seus caminhos e a dominação se deu através da introdução da cachaça, pois o entorpecimento e dependência favoreciam a conquista de seus corpos e almas. Através de doenças, contaminando previamente roupas e cobertores que seriam presenteados aos índios, esses “selvagens teimosos” eram, então, dizimados.



Também através de castigos, surras, acorrentamento e palmatória, juntamente com a exploração de mão de obra, desvirtuamento de seus costumes, e é claro, através da evangelização, toda a cultura religiosa nativa era desvalorizada e substituída pelo catolicismo de então.

Os índios ou brasilíndios eram vistos como o “outro diferente”, que representava ameaça, por isso, na visão dos colonizadores deviam ser convertidos, catequizados e dominados. Pelo fato de se recusarem a aceitar as condições impostas foram perseguidos, escravizados e muitos foram mortos com crueldade. Nações inteiras foram dizimadas, sua cultura, tradição e sabedoria perdidas para sempre.

Toda a riqueza cultural e sabedoria do povo indígena não foi respeitada nem compreendida pelos invasores portugueses que diziam ser o índio apenas um animal com corpo humano, mais ou menos como a mulher e o negro também foram vistos.

Ainda hoje não é raro haver comentários pejorativos direcionados a momentos específicos de ritualização dos índios e negros. Provavelmente você irá se lembrar de expressões como: *Isso é coisa do diabo! Deus não gosta disso! Toda essa gente vai para o inferno! São pagãos que precisam ser convertidos à fé cristã!...*

Esta sempre foi uma forma de exercer a superioridade e a posição de dono da verdade a custo de denegrir e inferiorizar o “outro”, atitude que ainda hoje se repete em nossa sociedade, em relação aos índios de hoje e às minorias excluídas.

UMA DAS TEORIAS DA ORIGEM DOS POVOS INDÍGENAS - Após 500 anos de dominação, eles ainda são aproximadamente 215 nações com 170 línguas diferentes, com culturas diversas entre si, segundo pesquisadores.

Entre diversas teorias, a mais aceita é a de que seus ancestrais chegaram às Américas pelo estreito de Bering, originários de regiões distintas da Ásia.

Essa saga, calcula-se agora, começou há 27.500 anos, 15.500 anos antes do que era aceito. A conclusão é que ainda há muito a descobrir, mas não há mais dúvidas de que os índios têm um passado e uma cultura tão grandiosos como de qualquer outra etnia.

A origem histórica das tradições religiosas indígenas como a de todas as religiões nativas perde-se nos tempos da história da humanidade. Todas possuem seus mitos fundantes transmitidos oralmente e revividos por meio dos ritos. É através dos mitos que essas culturas explicam o mundo, o desconhecido, a origem do seu povo e a sua organização social e religiosa.

ESTRUTURA DAS RELIGIÕES INDÍGENAS - A estrutura das religiões indígenas é sólida e muito bem elaborada, permitindo a equilíbrio do homem com o meio intra e extra psíquico. A harmonia deste com a Mãe Terra é condição básica para sua sobrevivência e é, portanto, elemento inseparável de seus ritos e encontro com a transcendência.

RELIGIÕES MARCADAS PELA PRATICIDADE - As religiões indígenas caracterizam-se pela praticidade, tudo gira em torno da experiência do sagrado e não numa fundamentação teórica. O cotidiano da vida está impregnado de religiosidade. A vida na aldeia é vivida de modo contextualizado, a religião é parte integrante da vida.

RELIGIÕES DIFERENTES ENTRE SI - As tradições religiosas indígenas são diferentes entre si, há uma diversidade de povos e culturas que se distinguem no tipo biológico, línguas, costumes, ritos, organização social, etc. Suas religiões são profundamente marcadas por rituais nos quais os mitos são revividos com intensidade de modo que em algumas comunidades os participantes no ato ritualístico sentem-se parte da divindade. As práticas religiosas caracterizam-se de ritos de defumação, entoação de cantos, uso de instrumentos musicais, incorporação, transe e uso de remédios retirados das plantas e ervas.

A IDÉIA E A REPRESENTAÇÃO DO TRANSCENDENTE - O Transcendente (Deus) em algumas tribos é compreendido como um ser natural, bondoso, que gosta de todos e que está em paz com todos os seres. Algumas nações acreditam no Transcendente como um Ser Superior e em seres menores, seus auxiliares.

Há também religiões que acreditam num mundo espiritual povoado de divindades (espíritos), sem uma hierarquia definida entre eles. São os espíritos dos ancestrais, os espíritos das florestas, das ervas medicinais, entre outros.

Os espíritos maus devem ser apaziguados e os bons devem ser convencidos a ajudá-los. Os nomes dados à divindade superior e aos espíritos variam de uma nação para outra: Maíra, Itukoóviti (aquele que criou todas as coisas), Nhyanderú, Nhyanderuvusú, Nhyanderupapá, etc.

Entretanto, a maioria das tribos dá mais atenção às mitologias de heróis míticos, caracterizados como heróis civilizadores, que ensinaram técnicas, costumes, ritos e as regras sociais aos membros da tribo.

Em algumas tribos o sol ou a névoa que cobre as florestas à tardinha ou de manhã é considerado como o reflexo e a representação ou manifestação do Ser Supremo ou das divindades. Contudo, cada nação concebe o Transcendente e o representa de forma diversa.

SABEDORIA DOS ANTEPASSADOS - A sabedoria dos antepassados é preservada através da oralidade. Honrar os ancestrais constitui-se o centro da ética religiosa indígena.



SACERDOTES-MÉDICOS - Os mediadores entre os espíritos e membros da comunidade são os xamãs, também chamados pajés, os quais exercem a função de sacerdotes e médicos. Para ser Pajé ou Xamã, a pessoa precisa passar por uma experiência psicológica transformadora que a leve inteiramente para dentro de si mesma. O inconsciente inteiro se abre e o Pajé mergulha nele.

Certas vezes, esse homem - ou mulher - dotado de autoridade religiosa, ingere substâncias alucinógenas, com o intuito de, em rituais, atingir estados alterados de consciência, entrando assim em contato com entidades do mundo espiritual. Neste caso, os espíritos malévolos serão controlados e combatidos e os bons serão convencidos a ajudar.

A IMPORTÂNCIA DO RITO - O rito fundamenta toda a realidade, define a organização da vida social e é fonte de memória e conhecimento. Há rituais para celebrar o fim das estações da chuva ou seca, outros para comemorar a chegada das colheitas; há rituais de casamento e vitórias em guerras com outras tribos.

Revestem-se de grande importância para as famílias os rituais de iniciação ou passagem para a vida adulta dos jovens e também o nascimento de crianças. Os rituais estão ligados aos mitos. O ritual e o mito atualizam o passado e ajudam a modificar e compreender o presente.

TEXTO SAGRADO - O texto sagrado é transmitido na forma oral. São histórias míticas que os sábios anciões contam oralmente para toda a tribo, preservando assim a sabedoria e a tradição.

Os mitos falam geralmente da origem e transformação do universo, da vida, das outras nações indígenas, dos fenômenos de ordem espiritual ou sobrenatural que acontecem com as pessoas na aldeia. Contam como os homens aprenderam a cultivar a terra, a fabricar os instrumentos, qual a posição de sua sociedade tribal em relação às outras, quem instituiu as suas regras sociais e ritos religiosos, o que acontece com as pessoas depois da morte, etc. Atualmente, porém, algumas comunidades indígenas utilizam a escrita.

VIDA ALÉM MORTE - De modo geral, nas diversas nações indígenas, acredita-se que cada pessoa possui um espírito imortal. A idéia de espírito difere de um grupo para outro. Há comunidades como os Krahó, ramo dos Timbira, que acreditam que não somente os seres humanos possuem espírito, mas todos os seres sejam animais, vegetais ou minerais.

Alguns dividem a alma em duas forças, uma das quais permanece na terra em situação de perigo para os seres vivos e outra parte vai para o paraíso.

Os Kaingáng acreditam que o indivíduo, após a morte, torna-se outra vez jovem, vivendo mais uma vida em outro plano existencial. Morre novamente, transformando-se num pequeno inseto, formiga preta ou mosquito.

Os Kayová acreditam que o espírito ou alma tem uma parte sublime, de origem celeste e outra parte menos boa da alma que se desenvolve durante a existência do indivíduo. Para essa tribo, a reencarnação só é possível para as almas das crianças que morreram.



De modo geral, predomina a crença de que a morte é o corte abrupto da vida e início de outra vida repleta de alegrias.

SISTEMA DE EDUCAÇÃO - Não há uma sistematização de educação semelhante a dos povos das cidades. A educação acontece também de uma forma sistematizada, mas dentro de períodos, de ciclos, marcados por rituais e cerimônias. As crianças são cercadas de carinho, cuidados e proteção, não só dos pais, mas de toda

a tribo. São filhos de todos.

SISTEMA SOCIAL INTEGRADO À NATUREZA - Natureza e sociedade são partes de um sistema social único. O homem é parte da natureza como a natureza é parte do homem.

RELAÇÃO COM A TERRA, UMA QUESTÃO RELIGIOSA - A terra é de todos, é a propriedade coletiva. A relação com a terra passa pela questão religiosa. A terra é o espaço de vida, lugar para se viver bem, ela é chamada de "Mãe Terra". O índio sente-se acolhido pela Mãe Terra. Ao contrário do homem capitalista, que vê a terra como meio de produção e exploração, visando apenas o lucro pessoal e egoístico, o índio estabelece um relacionamento de afeto com a Terra, vendo nela uma mãe, que o acolhe generosamente. Assim, a relação com a Terra passa pela questão religiosa. Deus, "o Grande Espírito", "o Grande Pai" ou "o Grande Avô" ordena e orienta para que se trate bem a natureza por que a vida de todos na comunidade depende dela.

VISÃO ORGÂNICA OU SISTÊMICA DE MUNDO - Predomina entre os indígenas uma visão orgânica ou sistêmica de mundo. Tudo está em harmonia. Os elementos da natureza, os astros, todos os seres foram colocados e organizados harmoniosamente. Originalmente o índio vivia de forma integrada à natureza, ele tinha consciência de sua relação de interdependência com os

elementos naturais. Percebia o equilíbrio e a harmonia no cosmo e essa paz devia ser vivida na aldeia ou comunidade, por meio da partilha e solidariedade.

ORGANIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL - O modo de vida numa aldeia indígena é bastante diferente da vida dos povos que vivem nas vilas e grandes cidades. A aldeia é como se fosse uma grande família, onde os homens e as mulheres têm funções definidas. Todos cuidam das crianças, protegendo-as e ensinando os costumes da tribo. Os alimentos vindos da caça, da pesca, da coleta e da agricultura são repartidos entre todos. Os direitos são iguais para todos, como casa, alimento, educação e medicina de ervas dos Pajés. Os idosos não são desprezados e nem abandonados, mas tratados com carinho e respeito.

SONHO, CRENÇA OU UMA POSSIBILIDADE? “TERRA SEM MALES” - Algumas nações indígenas acreditam na “Terra sem males”, onde não haverá maldade, injustiça, guerra e doença. Onde todos os seres viverão felizes, em plena harmonia e paz.

VER O ÍNDIO COMO ELE É... O professor precisa conhecer a realidade indígena para não apresentar aos alunos uma visão romântica e irreal sobre os povos indígenas, como se fossem seres perfeitos ou o inverso disso, como seres selvagens e maus. Os índios, como todos os seres humanos, têm suas limitações, dificuldades e conflitos na convivência grupal.

Deve-se apresentar o índio como ele realmente é, enfatizando os aspectos positivos que existem em seu modo de vida, ética e organização social baseada na maioria das vezes na solidariedade e partilha.

Os povos indígenas ainda hoje sofrem discriminação e injustiças. Muitos são expulsos de suas terras. As florestas são destruídas pelos madeireiros e exploradores de minas, as águas são poluídas e os animais exterminados. Por causa disso, muitos índios perderam o rumo de suas vidas, muitos vivem em condições desumanas, em reservas ou nos subúrbios das cidades.

Mas, também existem algumas tribos, como os Yanomâmis no Alto Xingu, Mato Grosso, que já encontraram a forma de sobreviver ao contato com a civilização moderna sem perder o seu referencial cultural. Segundo pesquisadores, há ainda algumas poucas tribos no Brasil vivendo nas selvas da Amazônia que não tiveram contato com o homem civilizado.

A IDÉIA DO DEUS TUPÃ - “Muita gente acredita ser Tupã o principal deus das crenças indígenas. (Mas a verdade é outra). Tupã é um ser sobrenatural em que somente os índios que falam língua do tronco Tupi acreditam. Os demais indígenas não conheciam Tupã, pelo menos antes do contato com os homens civilizados.

Mesmo para os índios do tronco Tupi, o ser que denominam Tupã não é considerado de modo nenhum o principal dos entes sobrenaturais. Para eles, Tupã é como um (espírito) que controla o raio e o trovão, podendo, por isso, provocar morte e destruição. Foram os primeiros missionários que, ao ensinarem a doutrina cristã aos índios, na língua destes, procuraram expressar o conceito que os cristãos faziam de Deus com o termo Tupã. O termo foi mal escolhido, uma vez que são completamente discordantes a idéia que os cristãos fazem de Deus e a idéia que os índios fazem de Tupã. Mas o erro dos

missionários perdurou e até hoje muitos afirmam que Tupã é a principal divindade indígena.” (Julio Cezar Melatti – Índios do Brasil – Ed. Hucitec).

VOCÊ SABIA QUE... O jogo da peteca é de origem indígena? Os Mbyá chamam a peteca de Mangá? Que esse é o jogo dos deuses? E que eles o jogam sem parar, durante todo o verão? É que, durante a época das chuvas quando se escutam os trovões, são os deuses batendo na peteca. Os relâmpagos são os rastros da peteca, indo de um lado para outro...

A palavra “peteca” é de origem tupi? Ela significa “tapear”, “esbofetear”, “golpear com as mãos”.

COMO FAZER UMA PETECA - Use palha seca de milho, mas também pode ser feita com folhas verdes de milho. Dobre-as fazendo um quadrado. Faça isso com vários pedaços de palha ou folhas sobrepondo-as. Estas camadas devem ficar bem firmes, pois formam a base da peteca.

Depois, amarre essa base com algumas palhas de milho desfiadas, bem firmemente. Ou, no lugar das palhas desfiadas, coloque algumas penas de asa de galinha ou outra ave, isso dá equilíbrio à peteca. Assim ela está pronta para o jogo.

COMO JOGAR PETECA - É um jogo típico dos índios Mbyá. Ele é coletivo e exige reflexos rápidos, agilidade e habilidade. Para jogar, se faz um círculo com todos os participantes. Não tem número certo. Todos podem jogar. Existem dois jeitos para se fazer isso:

1 – Um jogador bate na peteca com a palma da mão, de baixo para cima, fazendo com que ela suba e faça um arco no ar até o outro lado do círculo. Então, a peteca será rebatida por outra pessoa, que faz os mesmos movimentos, passando-a adiante. Tudo isso “sem deixar a peteca cair”. Você já ouviu isso antes, não é?

2 – Na outra forma de jogar, uma pessoa fica no centro do círculo. Ela dá a primeira batida na peteca, que sempre tem que ser devolvida para ela, que passará adiante.

Nas duas formas de jogar, quem deixar a peteca cair, sai do jogo. Este segue até que fique apenas uma pessoa.

ALGUNS RITOS DAS TRADIÇÕES INDÍGENAS - Praticamente em todas as culturas e tradições religiosas, o comportamento humano é permeado de rituais. Os rituais são marcos que pontuam momentos importantes na vida das pessoas. Os rituais indígenas não estão separados da vida cotidiana. Há diferentes elementos simbólicos, como danças, cantos, pintura no corpo, adornos, vestimentas de palha e de materiais diversos extraídos da natureza. Os rituais fundamentam toda a realidade e organização da vida social na tribo.

Entre quase todas as comunidades existem os ritos de passagem, que marcam a passagem de um grupo ou indivíduo de uma situação para outra. Esses ritos estão ligados à gestação e ao nascimento, à iniciação na vida adulta, ao casamento, à morte e outras situações.

As festas acontecem na época de abundância de colheita do milho ou da caça e pesca. Há também festas relacionadas aos rituais de iniciação e aos heróis fundadores do povo. Nestas festas, as variadas formas de pintura do corpo, os enfeites com penas, os cantos e as danças têm grande importância.

As cores mais usadas são o vermelho, o preto e o branco, cujas tintas são extraídas do urucum, jenipapo, carvão, barro e calcário.

Conforme a tradição de cada tribo, a música é executada pelos homens e mulheres. Os instrumentos são construídos de madeira, casca de frutas, bambu, entre outros materiais disponíveis para isso.



“Entre os índios da região do Xingu, a morte de um chefe marca o início de um ritual funerário que inclui danças e lutas. Essa cerimônia é conhecida como KUARUP, palavra que significa “tronco de árvore”. Em torno de um tronco de árvore acontecem as danças, que vão do anoitecer ao amanhecer do dia seguinte. Os índios acreditam que a alma do morto se liberta do tronco pela manhã. Nesse momento, o principal da cerimônia, eles rolam o tronco para dentro do rio, revivendo a lenda da criação do mundo”.

RITO DO NASCIMENTO - Os Tupinambá costumavam celebrar o rito do nascimento de uma criança com uma grande festa. O pai cortava com seus dentes o cordão umbilical, se fosse menino. Se fosse menina, era a mãe. Banhava-se a criança num rio. Em casa era colocada numa rede, colocando-se um arco e flecha, para o menino. Unhas de gavião ou garras de onça enfeitavam a rede para que o menino, quando adulto, se tornasse um valente guerreiro. A menina recebia objetos como uma cabaça, as jarreteiras para as pernas, braceletes de algodão e um colar de dentes de capivara para que crescesse com dentes fortes para bem mastigar a mandioca no preparo da bebida chamada cauim.

RITO PARA TORNAR-SE ADULTO - Entre os índios Apinayé, a transformação dos meninos em adultos guerreiros se dá em duas etapas, no decorrer de um ano. Trata-se de um rito de passagem.

Na primeira etapa, os meninos por volta de quinze anos de idade são separados dos demais por meio de uma cerimônia. Passam então a ser chamados de *pebkaáb*, isto é, “semelhantes a guerreiros”. Daí por diante, durante alguns meses, embora durmam nas casas maternas, os jovens em iniciação passam praticamente os dias separados da aldeia num acampamento próprio, com um local de banho só para eles, um pátio deles a leste da aldeia, um caminho circular em torno da aldeia pelo qual vêm buscar alimento em suas casas maternas.

Recebem instruções todos os dias de dois índios experientes. Vem à aldeia somente para dançar a noite e dormir. Durante esse período têm suas orelhas e lábio inferior perfurados para uso de batoques.

Depois de algum tempo, são trazidos à vida da aldeia numa cerimônia constituída de ritos de incorporação e então os jovens são chamados de *pemb*, isto é, “guerreiros”. Nessa segunda etapa ficam numa reclusão rigorosa, em um pequeno quarto totalmente fechado dentro de suas casas maternas.

Nessa fase, seus instrutores lhes aconselham sobre como escolher e como tratar a esposa, como tratar seus colegas, como confeccionar seus enfeites e a importância em obedecer a seus chefes.

RITOS DE CASAMENTO – XAVANTE - Entre os Xavante são os pais que tratam da escolha dos cônjuges para os seus filhos. Assim que um grupo de rapazes termina a cerimônia de iniciação, realiza-se uma cerimônia coletiva de casamento. As mães trazem suas filhas, ainda meninas, e as deitam junto a seus noivos, que cobrem as faces com as mãos e estão de costas para elas. As meninas ficam apenas um momento nessa posição, sendo retiradas logo em seguida. Depois são servidos bolos de milho aos convidados, com o milho fornecido pelas casas dos noivos e noivas. O rapaz deve esperar que a noiva cresça para morar com ela. Ao nascer o primeiro filho, passa a morar definitivamente na casa da família da esposa.

RITO DE CASAMENTO – DENI - Entre o povo Deni, tribo que vive na Amazônia, o casamento acontece entre primos cruzados, quando possível. O casamento é ajeitado pelas mulheres e dois homens mais velhos da tribo, enquanto que os outros vão para a caça. A rede da moça é desatada e levada ao lado da rede do rapaz. Quando os homens voltam, é dado o aviso de que os dois estão casados. Logo a mãe da moça traz brasa para ela fazer fogo. Ai tem festa, comida, cantos e os dois podem morar juntos.

RITO FUNERÁRIO – KAINGÁNG - Os Kaingáng no Paraná (Palmas) realizam uma cerimônia quando alguém morre, que se constitui um rito de passagem. O pajé recita uma fórmula tradicional ao som do maracá. Três homens levam o cadáver para o cemitério. Toda vez que põem o cadáver no chão para descansar, fazem um sinal numa árvore próxima, até que chegam ao cemitério, onde fazem também o mesmo sinal. Eles acreditam que o morto vive mais uma vida no além-túmulo, depois do que, morre outra vez, transformando-se num mosquito ou formiga. O espírito do morto deve ser afugentado para não oferecer perigo à comunidade, pois, pode trazer doenças. Nos meses seguintes realiza-se um rito com danças, cantos e bebidas para que o morto vá embora.



Indígenas Kaingáng

ALGUNS MITOS INDÍGENAS

MITO DA CHEGADA DO FOGO - Há muito tempo, um homem Deni foi caçar onça, que era o único bicho mau. De repente, gritou o passarinho bubu ao Deni:

- Tem fogo aí!

O índio assustado, viu em frente uma árvore enorme em chamas. Ao se aproximar, sentiu muito calor. Então pegou uma vara, encostou no fogo e a vara queimou. Rapidamente, levou a brasa para casa e fez fogo.

Os outros índios da aldeia se admiraram e pediram fogo para ele, mas o Deni não concedeu uma brasa sequer. Mandou que eles mesmos buscassem mais fogo na árvore no meio da floresta. Os índios foram ao lugar indicado, mas ali não encontraram mais nada.

Então o índio, que descobriu a brasa, decidiu repartir o fogo. Por isso, os índios Deni não deixam apagar o fogo até hoje.

Os Deni fazem parte dos povos indígenas que ainda sobreviveram na Amazônia. Este povo é formado por vários grupos espalhados às margens dos rios Xerua e Cuniua, ambos afluentes do Rio Solimões.

MITO DA ORIGEM DOS ÍNDIOS - No começo só havia Mavutsinim. Ninguém vivia com ele. Não tinha mulher. Não tinha filho, nenhum parente ele tinha. Era só.

Um dia ele fez uma concha virar mulher e casou com ela.

Quando o filho nasceu, Mavutsinim perguntou para a esposa:

- É homem ou mulher?

- É homem.

- Vou levar ele comigo. E foi embora.

A mãe do menino chorou e voltou para a aldeia dela. A lagoa virou concha outra vez.

Nós – dizem os índios – somos netos do filho de Mavutsinim.

(Villas Boas, Orlando e Villas Boas, Cláudio, Xingu, Os índios, seus netos, R. de Janeiro, Zahar, 1970, p. 55). (Esse mito é dos Kamaiurá, indígenas que vivem atualmente no Norte de Mato Grosso).

MITO DA ORIGEM DO MUNDO E DA HUMANIDADE - Segundo o povo Dessâna (Amazônia).

No princípio o mundo não existia. As trevas cobriam tudo. Enquanto não havia nada, apareceu a mulher por si mesma. Isso aconteceu no meio das trevas. Ela apareceu sustentando-se sobre o seu banco de quartzo branco. Enquanto aparecia ela o cobriu com enfeites e o fez como um quarto. Ela se chamava Yebá Burô, a Avó do Mundo ou Avó da Terra.

Havia coisas misteriosas para ela criar por si mesma.

...Foi ela que pensou o futuro do mundo, sobre os futuros seres. Depois de ter aparecido, ela começou a pensar sobre como deveria ser o mundo.

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS



Religiões afro: fé e solidariedade

A presença das religiões de origem africana no Brasil se deve à entrada de muitas pessoas trazidas da África e submetidas à escravidão desde o século XVI até o século XIX. Estima-se que cerca de quatro milhões de africanos foram forçados a migrar durante esse período, provenientes de diferentes regiões da África e pertencentes a diferentes grupos étnicos.

OS DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS -

Cada grupo que aqui chegou tinha suas respectivas crenças e costumes religiosos. Alguns deles eram muito mais cultos do que os colonizadores que se tornavam seus proprietários.

Os sudaneses, que desembarcaram e permaneceram em Salvador (BA), provinham de tribos que na África haviam sido convertidas ao Islamismo. Alguns deles eram profundos conhecedores do Alcorão, além de lê-lo corretamente, conheciam-no de memória. Esse grupo manteve alguns costumes da religião do Islã, tais como vestes brancas, turbante e chinelos.

A influência do Islamismo na cultura africana resultou certo sincretismo, esses grupos islamizados adoravam ao mesmo tempo, Alá, Olorunuluá e veneravam Mariama, a mãe de Jesus.

Embora não aceitassem o culto de veneração às imagens, não se desfaziam de seus talismãs com versos do Alcorão escritos em pequenos pedaços de madeira.

Vieram muitos homens e mulheres do Senegal, Gâmbia, Angola, Zaire, Moçambique e da Ilha de Madagascar.

A VIAGEM E AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO BRASAIL - A viagem era em navios chamados tumbeiros (o termo tem origem na palavra tumba), em condições extremamente difíceis e desumanas.

Esses homens e mulheres chegavam ao Brasil humilhados, apavorados e dominados, entre eles alguns eram líderes tribais, sacerdotes e sábios na África. Possuíam grande conhecimento da cultura religiosa de suas tribos. Mas com desrespeito e violência eram batizados e marcados a ferro em brasa pelos seus proprietários, que se denominavam cristãos.

Então eram conduzidos às fazendas de gado, aos engenhos de açúcar ou à mineração, para o desumano trabalho escravo. Lá passados os primeiros tempos de pavor e perplexidade, devido ao modo violento e cruel com que foram arrancados de suas famílias e terra natal, procuravam solidarizar-se e apoiar-se mutuamente, visto que eram de tribos com culturas e línguas diferentes, estranhas e até rivais.

PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO POSSÍVEL - A primeira tentativa de organização possível entre eles, era a cerimônia religiosa. Então esses homens e mulheres, marcados pela dor e desesperança, se uniram e instauraram seus terreiros e cultos aos Orixás para manter viva a tradição africana, e assim construíram uma cultura de enfrentamento.

OS DIFERENTES GRUPOS ÉTNICOS - Entre os vários grupos, classificados de acordo com os seus portos de embarque na África, destacam-se os sudaneses e os bantos.

Os **sudaneses** são originários da África Ocidental, das terras hoje nomeadas Nigéria, Benim e Togo. São, entre outros, os iorubás ou nagôs (subdivididos em queto, ijexá, egbá, etc.), os jejes (ewe ou fon) e os fanti-achanti. Entre os sudaneses vieram grupos islamizados como os hauçás, tapas, peuls, fulas e mandingas. Estes se concentraram nas regiões açucareiras da Bahia e Pernambuco.

Os **bantos** são originários das regiões localizadas no atual Congo, Angola e Moçambique. São os angolas, caçanjes, etc.

Supõe-se que desse grupo tenha vindo o maior número de africanos, pois sua influência cultural e religiosa é marcante na cultura brasileira: culinária, língua, música, dança etc. Espalharam-se por quase todo o litoral e pelo interior, principalmente por Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo.

Na África, esses homens e mulheres eram capturados pelos europeus ou comprados em regiões de intenso comércio escravagista. Outros eram vendidos como prisioneiros de nações inimigas ou porque pertenciam a facções rivais dentro das próprias nações.

A RESISTÊNCIA CONTRA A ESCRAVIDÃO - Enquanto existiu escravidão, existiu também a resistência contra o cativo, apesar dos esforços dos senhores dominadores e das autoridades coloniais no sentido de detê-la.



Uma das formas mais significativas de resistência contra a escravidão foram os quilombos, aldeias formadas por escravos fugitivos, onde podiam viver em liberdade e de acordo com a sua cultura.

Existiam diversos quilombos, o maior deles foi o de Palmares, cujo principal líder foi Zumbi. Esse quilombo desenvolveu-se no interior de Alagoas, durante o século XVII. Chegou a ter cerca de 20.000 habitantes.

Num período de sessenta anos, os quilombolas (habitantes do quilombo) resistiram ao cerco do exército comandado pelas autoridades coloniais até que, em 1695, o quilombo de Palmares foi destruído pelo exército do bandeirante Domingos Jorge Velho, conhecido por suas crueldades, e por isso apelidado Diabo Velho.

O governo colonial da época contratou Domingos Jorge Velho para comandar a destruição de Palmares e o Diabo Velho exigiu, em troca, um quinto do valor dos negros aprisionados, 500 mil réis em panos e roupas, 100 mil em dinheiro vivo, imensos lotes de terras e o perdão pelos seus incontáveis crimes.

Depois de muitos ataques fracassados, Domingos Jorge Velho organizou um exército de nove mil homens que bombardearam com balas de canhão a cerca que protegia os palmarinos. Milhares de crianças, jovens, adultos e idosos foram mortos cruelmente.

Zumbi, o líder conseguiu escapar com alguns outros quilombolas e ainda continuou resistindo por dois anos, até que no dia 20 de novembro de 1695, ele

foi traído por um homem de sua confiança, foi torturado e morto pelos homens liderados por Domingos Jorge Velho.

Em 1978, o dia 20 de novembro passou a ser o Dia Nacional da Consciência Negra. E Zumbi foi transformado em um símbolo de luta contra o racismo e toda forma de escravidão e discriminação não só de negros, mas de todas as pessoas vítimas da exclusão social, existente no Brasil. Assim, Zumbi continua vivo através das lutas de muitos brasileiros e brasileiras que se organizam no sentido de superar os preconceitos, vencer toda forma de opressão e fazer valer a justiça e igualdade de direitos para todos.

OS GRUPOS RELIGIOSOS AFRO-BRASILEIROS - As tradições religiosas de matriz africana, também chamadas de religiões afro-brasileiras, abrangem os vários grupos religiosos nascidos das tradições culturais e religiosas trazidas da África, e que aqui se mesclaram entre si, constituindo-se como forte fator de resistência à escravidão.

Desta forma, deram origem a diversos grupos ou denominações: **Candomblé**, presente principalmente na Bahia, mas também em outros Estados; **Umbanda**, presente praticamente em todos os Estados brasileiros; **Xangô**, no Recife; **Xambá e Catimbó**, nos Estados do Nordeste; **Tambor de Mina**, no Maranhão; **Omolocô**, no Rio de Janeiro; **Batuque**, no Pará e nos Estados do Sul.

CANDOMBLÉ



A palavra Candomblé significa *cantar e dançar em louvor* e é de origem banto. O Candomblé é símbolo da resistência dos negros contra a escravidão no Brasil. Em seus ritos e mitos pouco se fala da história da tremenda travessia da África para o Brasil através do oceano ou da violência desagregadora dos trabalhos escravos a que foram submetidos, mas prevalece a ênfase no culto à presença dos Orixás (as forças da natureza mediadoras do Ser Supremo, chamado de Olorum ou Olodumaré) nos espaços sagrados e ao seu poder de influência no comportamento dos adeptos.

Foi organizado a partir dos diversos cultos afros desde o início da chegada dos diversos grupos étnicos introduzidos no Brasil pelo tráfico de escravos.

O Candomblé dramatiza, de uma forma solene e festiva, as relações de uma dimensão cósmica, relações essas que se expressam no cotidiano da vida.

Não é apenas uma religião de pessoas negras, é também apreciada por um vasto contingente de pessoas de outras etnias presentes no Brasil.

As divindades se manifestam por meio dos pais ou mães de santo não para pregar sermões, mas expressar a sua energia vital (axé) por meio de danças ao ritmo de instrumentos de percussão chamados atabaques e dos cantos em línguas africanas.

O culto geralmente termina com um jantar aberto ao público, feito com alimentos sagrados, a comida dos Orixás.

O Candomblé foi perseguido pelo Estado brasileiro sendo que os terreiros (espaços destinados ao culto) eram proibidos. A partir dos anos 50 a perseguição diminuiu e multiplicaram-se as casas de culto em todo o Brasil. Alguns movimentos culturais passaram a valorizá-lo e enobrecê-lo por meio da mídia escrita, do cinema, da música, do teatro, da TV, etc.

UMBANDA

A Umbanda é uma religião tipicamente brasileira, organizada a partir dos cultos afros, crenças católicas, filosofia espírita, pajelança indígena e esoterismo. Existem diferentes grupos de Umbanda, cada um enfatiza determinado aspecto de sua doutrina e prática, mas existem também pontos doutrinários comuns a todos os grupos.

Há também várias interpretações e definições para o termo Umbanda. Uma delas é que Umbanda vem do Kimbundo, um idioma falado na África e significa a arte de curar; outra é que Umbanda significa a Lei Maior ou Lei Suprema do Bem.

Os seguidores da Umbanda crêem nos Espíritos de Luz e plenitude que vêm à Terra para ensinar e ajudar todas as pessoas, encarnadas e desencarnadas. São entidades espirituais chamadas de Guias que se manifestam através dos médiuns durante as sessões: Pretos-Velhos, Caboclos, Marinheiros, Crianças, Baianos, Boiadeiros, Orientais, Exus, entre outros.

A Umbanda tem como lugar de culto o templo, o terreiro ou o centro, que é o local onde os umbandistas se reúnem para realização do seu culto, conhecido como giras ou sessões.

Segundo alguns pesquisadores, a Umbanda teve início no século XX. Alguns indicam o ano de 1908 e outros a década de 20, mas aconteciam práticas semelhantes entre os descendentes de escravos muito antes dessa época.

A Umbanda como a conhecemos hoje, tem seu início no século passado entre pessoas que tinham ligação com as idéias difundidas pelo Espiritismo e que buscaram incluir outras expressões em suas práticas religiosas, construindo assim uma religião que absorveu elementos das tradições africanas, da pajelança indígena, do catolicismo, esoterismo e também do espiritismo.

O primeiro centro de Umbanda surgiu por volta de 1920, com Zélio Fernandino Moraes, na cidade do Rio de Janeiro, o qual, quando ainda jovem, ficou paraplégico devido a uma enfermidade. Diante do insucesso do tratamento médico, seu pai, um corretor de imóveis em Niterói e seguidor da Doutrina Espírita, levou-o para uma consulta na Federação Espírita Brasileira, no Rio.



Na ocasião, por meio de um médium, manifestou-se uma entidade espiritual de um padre jesuíta, falecido há muitos anos, a qual disse ao jovem que ele tinha a missão de fundar uma nova religião.

Essa religião devia ser tipicamente brasileira, dedicada à veneração de espíritos de caboclos, índios, ciganos, baianos, crianças e pretos velhos.

Depois de algum tempo, em uma outra sessão mediúnica manifestou-se uma entidade espiritual chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas, então foi confirmado por essa entidade que Zélio devia fundar uma nova religião chamada Umbanda.

Assim começou o primeiro centro de Umbanda, denominado de Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, em 1930, no Rio de Janeiro.

Em 1938, depois de anos de mudanças, o centro instalou-se definitivamente em um grande prédio, onde continua em atividade até hoje.

A DIFERENÇA ENTRE CANDOMBLÉ E UMBANDA

CANDOMBLÉ

- Não possui o sincretismo (mistura) de elementos do Cristianismo Católico, nem do Espiritismo ou da Tradição Indígena, mas possui o sincretismo das Religiões Africanas.
- Os Orixás são de origem africana. Nenhum santo é superior ou inferior a outro. Não existe o bem e o mal de forma isolada.
- No culto há louvação aos Orixás que se incorporam nos pais e mães de santos ou babalorixás e ialorixás, para fortalecer o axé (energia vital) que protege o terreiro e seus membros.
- A iniciação é a condição essencial para participar do culto. O recolhimento durante o processo de iniciação dura de sete a vinte e um dias. O ritual envolve o sacrifício de animais, a oferenda de alimentos e a obediência a rígidos preceitos.
- Em geral, não aceita a reencarnação, mas a ancestralidade.
- As vestes usadas no culto são coloridas com insígnias da cada Orixá.
- Durante o culto são cantados cânticos em línguas africanas, acompanhados por três instrumentos musicais, os atabaques, tocados somente por iniciados do sexo masculino.

UMBANDA

- Há sincretismo com o Candomblé Africano, Catolicismo, Tradição Indígena e Espiritismo.
- As entidades são agrupadas em hierarquia, que vai dos espíritos inferiores aos mais evoluídos. São entidades de índios, caboclos, pretos velhos, espíritos de crianças e também alguns Orixás cultuados no Candomblé.
- Durante o culto, os médiuns incorporam as entidades, dão passes e consultas aos participante do culto.

- A iniciação não é necessária. O recolhimento para a iniciação é de apenas um ou dois dias. O sacrifício de animais não é obrigatório. A iniciação é feita nas água do mar ou cachoeira.
- Os cânticos são cantados em português, acompanhados por palmas e atabaques, tocados por adeptos de qualquer sexo.
- Uso de vestes brancas.
- No altar há imagens católicas, de pretos velhos e caboclos.



O jogo de búzios é uma técnica de adivinhação presente na cultura afro-brasileira que consiste em lançar conchas marinhas e de acordo com a posição que caem, são interpretadas pelo pai ou mãe de santo, fornecendo orientações e revelações para o consulente.

TAMBOR DE MINA

O Tambor de Mina é a denominação mais difundida das tradições afro-brasileiras no Maranhão e na Amazônia.

A palavra tambor se deriva da importância desse instrumento nos seus rituais.

Mina deriva da procedência de grupos étnicos vindos da Costa da Mina, região situada a leste do Castelo de São Jorge de Mina, nas atuais Repúblicas do Gana, Togo, Benin e Nigéria, na África.

Esses grupos eram conhecidos como negros mina-jejes e mina-nagôs.

O Tambor de Mina é uma religião iniciática. As cerimônias de iniciação são realizadas com discrição nos recintos dos terreiros e poucas pessoas recebem os graus mais elevados ou a iniciação completa.

O Tambor de Mina tem características das sociedades secretas. No culto predomina a figura da mulher, a Mãe de Santo.

Quando uma pessoa entra em transe recebe um símbolo do Vodun (divindade) e uma toalha branca, a qual é amarrada na cintura.

Os homens, durante o culto, desempenham a função de tocadores dos tambores ou abatazeiros e dos sacrifícios de animais de quatro patas que fazem parte da cerimônia de oferenda.

As divindades são denominadas de Voduns e são venerados com cânticos em língua jeje. Alguns grupos também cultuam Orixás e Caboclos.

ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

VISÃO DE MUNDO - Como nas tradições indígenas, também predomina uma cosmovisão sistêmica ou orgânica de mundo ou da realidade que nos cerca, sem uma divisão clara entre matéria e espírito, e é nesta realidade que os poderes cósmicos, os Orixás, desempenham papel decisivo.

TEXTO SAGRADO - O texto sagrado é transmitido na forma oral. Servem-se de mitos, lendas, canções, contos, danças, provérbios, adivinhações e ritos para explicar, vivenciar e perpetuar suas crenças e tradições, como por exemplo: Olorum era uma massa infinita de ar. Um dia, como por encanto, lentamente, começou a respirar, e uma parte dessa massa de ar transformou-se em água, dando origem a Orixalá. O ar e a água continuavam a se mover, como uma dança, e eles mesmos foram se misturando, se misturando e uma parte deles, juntos e misturados, deu origem à lama. Dessa lama surgiu uma bolha avermelhada. Olorum maravilhou-se com essa bolha e soprou sobre ela o seu hálito *Emi* e deu-lhe vida. Essa forma, em permanente expansão e movimento, foi a primeira dotada de existência individual. Era um rochedo avermelhado de laterita: *Exú*. Assim, a existência de todas as coisas é inaugurada pelo sopro do hálito Emi ou ar divino Ofurufú, produzindo a vida nos planos visíveis e invisíveis.

A CRENÇA NO SER SUPREMO - Existe a crença num Ser Superior, que criou o mundo e a vida, chamado Olorum ou Olodumaré em língua iorubá; Mawu, em Fon; Zambi ou Zambi-anpongo, em banto, línguas estas faladas pela maioria dos povos atingidos pelo tráfico. Ao nos referirmos ao culto dos Orixás, certamente estamos nos deparando com uma forma de monoteísmo, uma vez que a religião Nagô admite a existência de um Deus supremo, Olorum (*olo* = sagrado e *orum* = céu). Esta divindade não é admoestada pelas pessoas e nem invocada. Mora no céu e não se relaciona diretamente com os seres humanos. A relação, o contato do divino com o humano se fará através dos Orixás. Esperam dos seres espirituais (divindades) proteção e auxílio.

ORIXÁS - AS FORÇAS DA NATUREZA - Crêem nos Orixás, auxiliares de Olorum, que se identificam com as forças da natureza e ancestrais divinizados. São narrados por parábolas que os personalizam como heróis, guerreiros e reis, masculinos e femininos, com uma lógica e ética próprias, mantendo uma relação íntima com a comunidade na qual realizam as suas manifestações. Olorum, no Candomblé e Oxalá, na Umbanda, é o grande Pai, Espírito da criação, doa o Axé, que é a energia ou força vital. Os Orixás mais conhecidos e cultuados, hoje, no Brasil, são:

- Odudua – a terra mãe, esposa de Olorum e geradora da vida.
- Exú – intermediário entre os Orixás e os adeptos. De temperamento instável e ciumento. Se não for acalmado e mimado com oferendas, não permite que os outros Orixás se comuniquem.
- Ogum – Orixá da guerra, dos metais e das armas, forjou o ferro criando os instrumentos de trabalho, para que os homens e mulheres

transformassem a terra em um lugar de alegria e prosperidade para todos.

- Okô – Orixá das plantas cultivadas. Dá força aos alimentos para manterem a vida das pessoas.
- Oxóssi – Orixá protetor das matas e dos animais. Não permite a violência e a destruição da natureza.
- Ossaê – Orixá das plantas medicinais e daquelas que são reservadas às cerimônias rituais. Distribui o axé de Olorum através da virtude que as plantas têm de manter a saúde.
- Xangô – Orixá das tempestades e da justiça.
- Oxum – Orixá feminino da água doce. Protetora dos rios e lagos.
- Iemanjá (figura ao lado) chamada também de Janaína, Princesa de Atucá, Ianaê é a Orixá feminina das águas salgadas. É a mais amada e cultuada. Protetora do mar, da família e da vida.
- Ibeji – Orixás gêmeos, protetores das crianças.
- Iansã – Orixá feminino, senhora dos temporais.
- Oxum-maré – Orixá serpente, senhor dos venenos.
- Ogum Edê – Orixá da sexualidade, durante seis meses do ano é feminino e nos seis meses seguintes é masculino.
- Ifá – Orixá do conhecimento oculto e da sabedoria.



RITOS E RITUAIS - A crença só pode ser entendida por meio da experiência participatória, daí a importância dos rituais e símbolos no culto afro-brasileiro. O culto religioso é feito de ritos e oferendas. Em seus rituais há cantos, danças ao som de instrumentos (atabaques) que produzem transe, as vibrações sonoras e rítmicas constituem a base do processo ritualístico. Há momentos de orientação por parte do pai-de-santo aos que os consultam. As vezes, o ritual inclui uma saída para banho de cachoeira.

VIDA E COMPORTAMENTO ÉTICO - A maneira de encarar a vida se funde na convicção prática de que a pessoa humana é “centro de relações”, ponto de passagem do invisível para o visível, em direção aos demais seres, humanos ou não. Não fica sem retorno uma ofensa feita a Deus, ao próximo ou à natureza. “Tudo está em tudo”, a religiosidade se funde com a cultura e política. Vida, trabalho, religião, amor ou afeto são formas de prestar culto a Deus. Daí a obrigação da comunhão para que o grupo sobreviva espiritual e materialmente. As três atitudes muito caras aos povos africanos são: a partilha, a solidariedade e o respeito.

VIDA ALÉM MORTE - A crença na ancestralidade é a resposta para a perpetuação da vida depois da morte. A realidade é uma totalidade sem uma divisão clara entre as duas dimensões: o mundo da matéria e mundo do espírito. Tudo está presente nesta realidade única, os mortos não estão mortos, eles vivem e se manifestam através dos elementos da natureza e dos novos que nascem para a vida na comunidade.

ASPECTOS ESSENCIAIS DA CULTURA E TRADIÇÃO AFRICANA - Três aspectos são essenciais na cultura e tradição religiosa afro-brasileira: a

oralidade, o símbolo e o diálogo. O sistema comunicativo da oralidade prevê a identificação, a expressão e a conservação da bagagem etnocultural. O símbolo é fundamental para a expressão da crença. Através do diálogo os membros da comunidade têm ao seu dispor o conhecimento dos mitos e das alegorias na biblioteca da oralidade. O especialista do diálogo é mestre da palavra, é o ancião – chamado de pai ou mãe de santo. O ancião é o ponto de referência vital para o grupo.

NÃO EXISTE A CONCEPÇÃO DE PECADO - O pecado não faz parte deste mundo religioso, porém, por influência do Catolicismo, o peso deste se torna maior aqui no Brasil. As religiões afro-brasileiras não possuem caráter proselitista. Apresentam uma visão de mundo que não exige fé ou processo de conversão, em que o sagrado, o mítico e o simbólico estão implícitos. Não existe a idéia do profano, do mal ou da culpa como concepção de pecado. A isso se deve a despreocupação de se elaborar um projeto de catequese ou de ensino sistemático de sua religião.

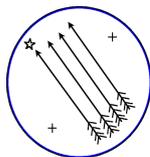


O ESPAÇO SAGRADO - O terreiro é o nome que se dá ao sítio onde se situa o centro de práticas religiosas “grupo local”, segundo um padrão determinado tradicionalmente. Há a preocupação com o uso correto da ecologia local, pois, por motivos religiosos, busca-se garantir a preservação de um espaço verde próximo ao terreiro. A comunidade-terreiro é ao mesmo tempo casa de culto e escola, espaço de preservação da cultura e de resistência. Não é a escola formal da cultura ocidental freqüentada na busca da escolaridade ou da formação para se viver nos moldes de nossa sociedade. O terreiro, além de local destinado ao culto, é também a escola iniciática, ali são preparados os sacerdotes e sacerdotisas, os babalorixás e ialorixás, também chamados de pais e mães-de-santo. Estes passam por rituais de iniciação a fim de se tornarem chefes religiosos e intermediários para a descida dos Orixás.

AXÉ - A FORÇA VITAL - A palavra Axé pode ser traduzida como “aquilo que deve ser realizado”. Segundo as tradições religiosas africanas essa força é contida e transmitida por meio de elementos materiais e de certas substâncias, mantendo e renovando neles sua capacidade de realização. Nas manifestações religiosas, o sangue portador do Axé pertence ao Ser Superior, Criador de todas as coisas, e é oferecido a Ele em primeiro lugar. O sangue pode ser de origem animal, vegetal ou mineral. O coração, o fígado, os pulmões e os órgãos genitais são partes do corpo consideradas plenas de Axé. As raízes, as folhas, o leito dos rios, as pedras, e outros elementos, também possuem Axé. Receber o Axé significa incorporar os elementos simbólicos que representam os princípios vitais de tudo o que existe no mundo visível (Àiyé) e no mundo invisível (Òrun), num processo de expansão permanente.

SÍMBOLOS - É variada e rica de significados a simbologia dos cultos afros. Os símbolos mais freqüentes são as vestimentas, alimentos dos Orixás, as insígnias representativas dos Orixás, os pontos riscados, as oferendas e

sacrifícios de alguns animais (ebó) que segundo a crença dinamiza a relação entre vivos e ancestrais através da força axé.



ALGUNS SÍMBOLOS DA UMBANDA - Dentro das práticas ritualísticas, os símbolos ocupam espaço especial. Nos cultos afro-brasileiros, os símbolos também estão presentes e desempenham importantes funções. São chamados de Pontos Riscados (desenhados nos terreiros e templos) e, quando esboçados, traduzem o campo de atuação e a essência espiritual desejada, criando, segundo se acredita, a vibração correta para o desenvolvimento do trabalho com as entidades espirituais.

São alguns símbolos usados na Umbanda:



Cobra: símbolo de cura.



Chave: símbolo de abertura de Caminhos fechados.



Sol: representa a força criadora da vida.

REFERÊNCIAS

FONAPER. **Ensino Religioso** – Capacitação para um novo milênio – O fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz indígena – Caderno 5, s/d.

_____. **Ensino Religioso** – Capacitação para um novo milênio – O fenômeno religioso nas tradições religiosas de matriz africana, Caderno 7, s/d.

HELLERN, Victor; NOTAKER Henry; GAARDER Jostein. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

MARCHON, Benoit e KIEFFER, Jean-François. **As religiões do mundo**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo, HUCITEC, 1980.

BESEN, José Artulino. Texto: **O mundo religioso dos indígenas americanos**

www.pime.org.br/missaojovem/mjregtradincind.htm - Acesso em 14 de setembro de 2007.